

**Apetrechos da Memória**

Valéria Lucas Filgueiras\*

**Resumo:** No ocidente contemporâneo os objetos têm assumido uma perspectiva econômica, destinados à satisfação de necessidades materiais. Contudo, nos relatos de lavradores (as) do município de Rondonópolis é possível descobrir outras práticas e apropriações simbólicas que são construídas incorporando os objetos ao seu possuidor como parte de suas lutas pessoais e de suas técnicas de trabalho. Na vida de lavradores sem terra os seus bens são voltados ao trabalho cotidiano, opostos a terra bem e raiz. Revelando as constantes mudanças em busca da terra, as narrativas estão povoadas de coisas perdidas, deixadas nas veredas de vidas errantes. A mobilidade é condição desagregadora da memória quando, no percurso da vida e dos caminhos, são deixados os objetos que se constituem um elo familiar com o passado, uma experiência de vida insubstituível.

**Palavras Chaves:** objetos – lavradores – memória

**Abstract:** In the contemporary occident the objects have assumed an economic perspective, destined to the satisfaction of materials necessities. However, in reports of the farmers of the municipal district of Rondonópolis is possible to discover other practices and symbolic appropriations which are built incorporating the objects to their owner as part of his personal conflicts and work techniques. In landless farmers lives their property are orientated to the daily work, in opposite to the patrimonial wealth. Disclosing constant changes in search of land, the reports are replete of lost things, released in errant lives paths. The mobility is a shatter condition of the memory when, in life's trajectory and ways, the objects which compose a familiar connexion with the past are left, an irreplaceable life experience.

**Key words:** objects - farmers - memory

Na lavoura cabe ao homem o preparo do terreno, o que implica as derrubadas, as queimadas e as destocas. As mulheres raramente participam destas tarefas, porém muitas ajudam no plantio e na colheita. No plantio com a enxada, a mulher ajuda na semeadura, o homem vai à frente abrindo as covas e a mulher atrás jogando as sementes e cobrindo-as com terra. O ato de semear, jogar a semente cobri-la com o pé aponta para o caráter simbólico da fecundação, o nascimento e a vida, dons ligados à esfera feminina. Na colheita, momento de maior acúmulo de serviço, e sob o risco de se perder a produção, toda a família participa deste trabalho, e a mulher trabalha ombro a ombro com o homem, apesar dos homens sempre dizerem que a mulher apenas ajuda. Finalmente, aos homens também pertencem à tarefa da comercialização do produto. “Ficam eles, portanto, com as duas pontas do processo: a mais

---

\* Mestre em História e professora da Faculdade do Sul de Mato Grosso (FACSUL)

voltada ao domínio da natureza e a mais associada às estratégias de relações com a sociedade” (BRANDÃO, 1999: 46).

A divisão dos espaços e do trabalho entre homens e mulheres não é absolutamente de oposição. Mas nesta cartografia dos gêneros as atividades de ambos são complementares. Assim, nas famílias com maior número de homens plenamente ativos será menor a participação da mulher nas atividades da roça e do pasto. Porém quando é menor o número de homens, maior será a necessidade de ajuda da mão de obra das mulheres que, junto com seus pais e maridos no mesmo espaço, participam complementarmente das atividades que garante a sobrevivência da unidade familiar.

O trabalho prático é também um trabalho simbólico que converge para a construção de espaços de gênero. A roça resultado do trabalho sobre a natureza são espaços masculinos, nestes locais os homens trabalham e as mulheres ajudam. Diferencia-se, portanto, do espaço da casa que é domínio da mulher; somente ela trabalha neste local. Parece neste particular, semelhante ao que escreveu Carlos Rodrigues Brandão sobre os caipiras de São Paulo, embora estes sejam de outros lugares e tempos:

*Enquanto a esposa e as filhas trabalham plenamente na casa, depois de pronta ela é para o marido e os filhos homens, o lugar do descanso do trabalho na roça, ou o lugar dos “servicinhos”. Enquanto ele é o espaço onde as mulheres “cansam o corpo”, para os homens é o lugar de cuidar dele: comendo, lavando e repousando. (BRANDÃO, 1983: 74)*

Na casa o homem nunca trabalha, ele ajuda. “Então eu limpava tudo o arroz assim no pilão, para ajudar Elvira quando os menino era tudo pequeno. Acabava de limpar ele ia trabalhar pra roça”<sup>1</sup>. Na casa, gêneros e categorias se entrecruzam, complementam-se, o trabalho do homem se torna ajuda a ajuda da mulher agora é trabalho.

A casa compõe um relato de vida “ela confessa sem disfarce o nível de renda e as ambições sociais de seus ocupantes” (CERTEAU, 1996: 205). Tudo fala, sempre e muito: os materiais de construção indicam o poder aquisitivo de seus moradores, também indica muito sobre o caráter temporário de permanência de lavradores.

A casa de lavradores, ou de sitiantes mais pobres, era construída de materiais menos duráveis e mais fáceis de serem adquiridos na própria natureza, o que é expresso pelo Sr. Adecerino:

*Então as nossas casas era de folha de babaçu e de pau a pique, não era assim casa de material. Nós ia no mato tirava a folha, cortava e riscava e levantava o barraco*

---

<sup>1</sup> Relato de Adecerino Honório de Oliveira. Entrevista realizada por Valéria Lucas Filgueiras em janeiro de 2004, p. 30.

*lá. Nós mesmo riscava ele do nosso modo, do jeito que nós queria. Punha do tamanho que nós queria, porque isso aí lá fazia tudo a gosto nosso, né. Porque aquilo num custava dinheiro, pra nós tudo era tirado lá no mato.<sup>2</sup>*

A casa descrita pelo depoente assemelha-se à habitação caipira: “um abrigo de palha sobre paredes de pau a pique” (HIRANO, 1992: 91). Ainda que neste caso o autor se refira a um grupo social localizado cronologicamente nos finais do século XIX e início do século XX, a semelhança entre estas moradias é que os materiais não exprimem apenas a falta de recursos financeiros, mas o caráter de curta permanência. Tanto caipiras quanto lavradores moravam transitoriamente na terra com o consentimento do dono, os primeiros como agregados, os segundos como arrendatários ou meeiros.

Os lavradores falam das suas casas e de seus compartimentos lembrando as passagens que imprimiram as marcas mais profundas na memória. Em cada cômodo encontra-se em seus cantos: desejos, sonhos, vida e morte. A casa é um ser de sensação, um conjunto de elementos materiais e simbólicos que emergem da *bricolage* de odores, sons, sentimentos, objetos, mobiliário e cômodos. A casa não é apenas a edificação, o conjunto arquitetônico, ainda que possa ser tomada como tal. A casa do campo, mas nunca a de campo, se define pelo uso que os moradores fazem de seus espaços internos – os quartos, a sala e a cozinha – e os espaços externos: o quintal, o paiol, o chiqueiro, o curral, o forno caipira, a mina ou o córrego onde se lavam as roupas e se abastecem de água, o banheiro (local do banho) e o pomar.

Como se constrói uma casa? Eis a resposta obtida quando essa pergunta foi feita aos lavradores. Para evitar transcrever longos depoimentos “falo” por eles fazendo a síntese do que me explicaram em várias entrevistas:

No tempo da lua minguante, corte a palha e a madeira que será usada na estrutura – “furquia”<sup>3</sup> – e nas paredes – varas e baldrame<sup>4</sup>. Risque no chão um grande retângulo dividido em quatro partes cada uma de 3x4m<sup>2</sup>. Nos vértices do retângulo, com a cavadeira fure um buraco com 50cm de profundidade e finque uma forquilha de aproximadamente 2,5m de altura. Divida ao meio as laterais do retângulo e fure novamente quatro buracos, nas duas laterais maiores finque forquilhas de 2,5m, na lateral menor finque forquilhas de 4m. Sobre as forquilhas coloque madeira roliça e amarre-as com embira<sup>5</sup>. Em um tronco grosso de madeira

---

<sup>2</sup> Relato de Adecerino Honório de Oliveira (Seu Neginho). Entrevista realizada por Valéria Lucas Filgueiras em janeiro de 2004, p. 31.

<sup>3</sup> tronco de árvore ou vara bifurcado em uma das extremidades.

<sup>4</sup> esteio de madeira, colocado no chão, no qual se encaixam em uma cavidade as varas da parede de uma casa de barro.

<sup>5</sup> casca de árvores ou cipós usados para amarrar.

de boa qualidade – aroeira – usando o machado, faça uma cavidade em toda sua extensão e está pronto o baldrame. Agora é só colocá-lo no chão e encaixar as varas que serão amarradas umas às outras e na madeira sobre a forquilha até tampar todas as laterais. Não esqueça de deixar o vão da porta. Está pronta a estrutura da casa, agora é só cobrir. Primeiro risque com facão as palhas da palmeira paralelamente ao talo, dobrado-as para que suas folhas fiquem sobrepostas; não risque todas, deixe algumas para o acabamento final. Amarre as palhas, bem próximas uma das outras, sobre a madeira que está presa às forquilhas, começando pela parte mais baixa até chegar à cumeeira. Agora é fazer o acabamento. Dobre as palhas que não foram riscadas e coloque-as sobre a cumeeira. Está pronta a casa de “pau a pique”. Mas não é tudo, ainda é muito pouco. Tome ainda uma porção de esterco fresco, “molinho”, misture com barro e sove bem com os pés. Jogue esta mistura do lado interno da casa nas paredes construídas com varas, cubra todos os espaços, alise com as mãos esta massa. Depois de seco o reboco da parede, escolha um saibro branco, acrescente água até formar um mingau, agora é só passar na parede: a casa ganha cor. O que acabo de descrever é o que contaram os depoentes. Porém, nem todas as casas eram assim, barreadas e de cor. Estes detalhes eram capricho de dona-de-casa, como falou o Sr. Adecerino: “Ocê entrava lá dentro da casa assim, as parede tava tudo bonitinha. Mas isso aí num era todo mundo que fazia não, né. Muitos num caprichava, fazia mesmo de pau a pique, largava lá mesmo. Mas, nós sempre gostava de fazer assim”<sup>6</sup>.

No relato, cada cômodo se edifica por meio de infinitas histórias. O casal D. Elvira e Sr. Adecerino lembra de como eram os quartos, associando-os com o frio.

*Sr. Adecerino – Os quarto, o lugar de dormir, né, a gente passava [barro], ficava bonitinho. D. Elvira – É ficava bonitinho lá dentro assim. Sr. Adecerino – Tempo de frio, quase num dava frio lá dentro. Assim, porque ocê sabe, casa de pau a pique no tempo de frio vem aquele vento e passa quase de fora à fora. Ocê fazia aquilo ali [barreava] ficava fechadinho, e tempo de frio ocê tava até bem, bem guardado, né.*

*D. Elvira – Bem quentinho né, pra num passá muito frio.*

Para o depoente, quarto também é designação que se atribui aos cômodos, por isso há uma necessidade de se distinguir no relato o espaço pela função “o local de dormir”. Nota-se nesta fala que barrar as paredes não é uma questão apenas de capricho, mas também uma estratégia de aquecimento. D. Vitelvina, em seu relato, descreve o quarto das três filhas, que surge associado a duas lembranças: o medo do ataque de onças e a cama de varas.

---

<sup>6</sup> Relato de Adecerino Honório de Oliveira (Seu Neguinho). Entrevista realizada por Valéria Lucas Filgueiras em janeiro de 2004, p. 34.

*As três filhas minha dormia numa cama de jirau assim. Assim de jirau. E quando garota, um dia Nair varou a bunda assim e caiu no chão. Aí gritou: Mãe! Pai! Pio não tá aqui não. Pio era Nair, Pio não tá aqui não, tava debaixo da cama dormindo rasgou as varas e caiu. As varas fininha assim, e amarrava assim de cipó. E eu punha a cama dela assim na parede do meio, com medo de onça chegar e furar a parede e pegar elas.<sup>7</sup>*

O quarto era assim: paredes de pau a pique, camas de varas finas amarradas com cipó, que com o tempo se tornavam bambas deixando cair os corpos que amparava por entre os vãos de varas e colchão de palha. A cama era erguida encostada às paredes internas, medo de onça, mas também medo de raptos de meninas-moças desabrochando para o amor.

Um quarto, alguns quartos, lavradores e seus quartos. Quatro paredes, uma porta, sem porta – vão de passagem – às vezes encoberta com um retângulo de chita. Cortina: obstáculo contra olhares curiosos, fina barreira de privacidade. Os quartos – e principalmente o quarto do casal – é o lugar mais íntimo da casa. Este é provavelmente o motivo dos depoentes expressarem com poucas palavras este cômodo. Em lugares sertanejos no Centro-Oeste o quarto do casal é “o lugar mais protegido e íntimo da casa” (MARTINS, 1998:698) por isso são quase sempre cômodos sem janela. Pouca mobília, uma “cama jirau” e um arame esticado onde se guardam estendidas as roupas. Nos cantos, quando muito, algumas malas de papelão que guardavam as roupas finas – roupas com a qual se vestem quando saem da rotina diária do trabalho: festa, missa, cidade – e o enxoval do casamento. Malas que passavam no mesmo canto, três, quatro, dez anos... e ao mesmo tempo sempre prontas para partir. Para dar maior conforto ao corpo cansado do trabalho diário, um colchão, ninho de palha ou capim, lugar do descanso, da fecundação e da procriação. Como pássaros construtores de ninho, as mulheres confeccionam seus colchões, conforme falou D. Júlia: “O colchão era feito com capim – capim que eles falava da várzea já era próprio – e muitas veis com palha de milho, costurava ele, enchia de palha de milho, e aí trocava de vez em quando. Jogava aquela fora e punha outra nova, sempre na safra, né. Pra colocar novinha, né.<sup>8</sup> “Um dia as coisas melhoram”, sonhavam as lavradoras que desejavam ter uma cama de arame e um “guarda-roupa” ainda que de confecção simples, porém de madeira de boa qualidade – piúva ou cedro. D. Elvira acalentou este sonho, lembrando com tristeza da mobília que deixou para trás quando veio de Goiás para Mato Grosso:

---

<sup>7</sup> Relato de Vitelvina Mota Barbosa (D. Vina). Entrevista realizada por Valéria Lucas Filgueiras em março de 2004, p. 28.

<sup>8</sup> Relato de Júlia Rodrigues Furtado. Entrevista realizada por Valéria Lucas Filgueiras em janeiro de 2004, p. 06.

*Tinha os trens bem arrumadinho, os meninos tinha berço, tinha tudo, né. Vendeu tudo pra depois vim pra cá. Mudemo aqui pro Beroaba aqui num tinha. Tudo era chulezinho mesmo, tudo era coisinha. Cama era as tarimba eles falava, tarimba. Fazia muita tarimba, nós fazia colchão enchia de paia de milho, aqueles colchãozão alto assim... de paia. Aí que a gente foi ficando melhorzinho assim, comprava uma caminha de arame punha os colchão de capim e já tava bonitinho demais.<sup>9</sup>*

Na vida de lavradores sem terra os seus bens são os objetos voltados ao trabalho cotidiano. “Apetrechos de sobrevivência, opostos à terra bem de raiz, que dá sentido ao trabalho do homem do campo” (MARTINS, 1997: 132). Revelando as constantes mudanças em busca da terra à fala da depoente está povoada de coisas perdidas, deixadas nas veredas de sua vida errante. A mobilidade é condição desagregadora da memória quando, no percurso da vida e dos caminhos, são deixados os objetos que se constituem um elo familiar com o passado, uma experiência de vida insubstituível.

Daniel Roche descreve como a mobília expressa a riqueza, “simboliza o percurso da vida” (ROCHE, 2000), e aponta os objetos materiais como um meio de entender as relações físicas e afetivas que eles criam para além da simples materialidade de distinção social. Apesar de suas análises se situarem cronologicamente entre os séculos XVII e XIX, ligando-se à realidade francesa, há muita coisa parecida entre esta e o modo de vida de lavradores e fazendeiros de Boa Vista. Parecida, mas substancialmente diferente. Assim, a idéia estabelecida por Roche na qual “o mobiliário se classificava comodamente em relação às condições de vida no quadro familiar, quando cada móvel era útil, quando cada um tinha sua utilização própria e múltipla” (ROCHE, 2000: 226) se encontra também entre lavradores e fazendeiros, porém mediada por outras relações sociais fundamentais, muito diferentes das relações sociais que permeavam tais concepções no passado distante. Portanto, a forma pode ser a mesma, mas o significado é no geral, inteiramente outro.

No século XVIII “o mobiliário era um capítulo considerável da despesa de prestígio; sob o impulso da cultura das aparências, ele afirmava um status, mas era também guiado pela busca da intimidade e do conforto” (ROCHE, 2000: 241). Entre as famílias camponesas o investimento era reduzido e o mobiliário pouco variado e tosco, contudo, tudo devia durar.

Nos tempos mais recentes, lavradores pouco investiam na mobília, os bancos eram tocos serrados nas próprias fazendas. Entre os lavradores a mobília também não

---

<sup>9</sup> Relato de Elvira Antônia Oliveira. Entrevista realizada por Valéria Lucas Filgueiras em janeiro de 2004, p. 40.

desempenhava nenhum papel social relevante. Todos os esforços eram investidos na aquisição da terra, para somente depois passar a investir na casa e seu mobiliário, como narra D. Vitelvina: “Agora depois que a gente melhorou, que nós comprou terra, que melhorou de situação, eu mandei fazer uma mesona de piúva”<sup>10</sup>.

Ecléa Bosi afirma haver dois modelos básicos ou, idéias mestras, para análises do mobiliário e dos objetos no espaço privado: o *status* e os “objetos biográficos” (MORIM Apud. BOSI, 1994: 441). Enquanto signo de status, os objetos entram para a esfera da intimidade, para serem ostentados e tornados públicos. Estes “são objetos que a moda valoriza, não se enraízam nos interiores, têm garantia por um ano, não envelhecem com o dono, mas se deterioram”( BOSI, 1994: 441). Entretanto, os objetos biográficos dão a seus possuidores mais do que um sentimento estético e de utilidade, eles são um elo com o passado, símbolos de um tempo vivido. “Só o objeto biográfico permanece com o usuário e é insubstituível. O que poderá igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco? Elas nos dão a pacífica impressão de continuidade” (BOSI, 1994: 441). Tal como na fala de D. Vitelvina, que tem com móveis e objetos profundas relações de afeto.

*Meu guarda-roupa eu mandei fazer. Tirou a madeira lá de casa, tirado com esse serrote, um vai com o gurpeão, traçador e gurpeão, usa pra serrar tora no chão. Mandei fazer em 60. E nunca troquei meu guarda-roupa por um desses bacana aí. Pra quê? Minha cama também foi feita de madeira. A tabinha, os pés dela assim, é de piúva, só os pés dela. Você precisa de vê! Meu guarda-roupa eu abro as portas dele eu entro dentro dele e subo e limpo lá em cima, ele me agüenta. Às vezes as meninas fala assim: Mãe vende esse guarda-roupa e compra um guarda-roupa bonito. Pra quê, eu quero guarda-roupa bonito? Eu quero guarda-roupa bom. Eu gosto de coisa boa. Não, esses pó-de-serra que a gente compra, ta logo debulhando. E eu quero isso? Por que eu quero isso? Meus trem é tudo coisa antiga, meu guarda-comida é antigo tem mais de vinte oito anos, minha geladeira tem trinta e dois anos, nunca troquei nada e nem vou trocar.*<sup>11</sup>

Para D. Vitelvina a idéia do móvel que se descarta é um desperdício desnecessário e cruel. Por isso, sua casa está cheia de móveis antigos e caixas de ferramentas, painéis de ferro, serras, foices, enxadas, cunhas e cangalha. São pequenas coisas colecionadas e guardadas. Todos esses objetos são preciosos, sagrados, não se vendem e nem são cedidos. Estes objetos e instrumentos conservados em armários e quartos e só excepcionalmente trazidos a público são muito mais do que museus de lembranças, pois, como afirma Bosi: “as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do

---

<sup>10</sup> Relato de Vitelvina Mota Barbosa (D. Vina). Entrevista realizada por Valéria Lucas Filgueiras em março de 2004, p. 18.

<sup>11</sup> Relato de Vitelvina Mota Barbosa (D. Vina). Entrevista realizada por Valéria Lucas Filgueiras em março de 2004, p. 17.

que fomos” (BOSI, 2003: 27). Observei em muitos dos depoentes suas expressões se iluminarem – como crianças que abrem um presente – quando, orgulhosos, mostravam-me móveis, ferramentas e objetos que os acompanhavam por toda a vida, relíquias de família. A memória de D. Maria está marcada, também, por objetos que envelheceram, e estão na família desde a geração de seu pai. Emocionada, ela pede que eu desligue o gravador e fala que o banco de madeira maciça no qual estou sentada “era o único móvel da sala”, fabricado há muitos anos por seu pai. O banco possui pouco mais de dois metros de comprimento, quarenta centímetros de largura e uns dez centímetros de espessura é de uma madeira clara, lisa e sem farpas. Assim também, é que podemos entender a fala de D. Elvira, que lembra com saudades de seu cotidiano ao dizer com orgulho do esmero com que cuidou de suas panelas e alimentou seus filhos.

*Eu tenho minhas panelinhas de ferro até hoje Valéria, ali. Depois eu vou te mostrar minhas panelinhas de ferro. Você tem panela de ferro? É branquinha, eu num gostava de panela preta não. Porque tem gente que tem panela de ferro que é pretinha, né. Não, as minhas é branquinha, as meninas quando era moça... Óia minhas panelas de ferro eu quero limpinha. Ah, mãe joga isso fora. Num jogo não criei ocês tudinho fazendo comida aí nela, porque que eu vou jogar fora minhas panelas de ferro? O povo chega aí fica besta de olhá minhas panelas. Fala: Me vende? Vendo não, de jeito nenhum.<sup>12</sup>*

Como sua mãe, as filhas de D. Elvira também foram preparadas para cuidar de uma casa e da família. Porém, já não queriam e não podiam viver como ela. Os lavradores sabiam que estava cada vez mais difícil sobreviver da terra – o acesso era cada vez mais restrito, à medida que as fazendas iam se formando – e procuravam oferecer a seus filhos outros saberes que eram buscados na escola. A preocupação de oferecer uma educação escolar aos filhos não passa despercebida a José de Souza Martins que afirma: “logo chama a atenção do pesquisador que percorre essas regiões, seja no Acre, seja no Maranhão ou no Mato Grosso, é uma extrema valorização da escola e da escolarização. Essa valorização envolve um grande sacrifício dos pais e das crianças” (MARTINS, 1998: 710). As diferenças trazidas pela escola podem ser percebidas no cotidiano. As moças já não se pensam apenas como esposas de lavradores. Por este motivo, as filhas da depoente, ao se depararem com panelas de ferro que exigem maiores cuidados para sua limpeza, pois é preciso esfregar com maior força o ferro do que o alumínio para lhe dar brilho, assim como é necessário secá-las ao fogo para que não enferrujem, estas não entendem porque sua mãe ainda as conserva e as usa – quando o serviço pode tornar-se mais fácil usando panelas de alumínio, novidade que conheceram na

---

<sup>12</sup> Relato de Elvira Antonia de Oliveira. Entrevista realizada por Valéria Lucas Filgueiras em janeiro de 2004, p. 36



escola. Porém, para D. Elvira, suas panelas de ferro são valiosas e não têm preço, pois foi cozinhando nelas que alimentou toda a sua família, que criou os filhos. Sendo diariamente usadas cada vez mais se incorporaram à sua vida. O contato contínuo das mãos com a panela de ferro lhe deu brilho e arredondou as asperezas.

Quando os gestos se apagam, o que subsiste é apenas a lembrança interiorizada de saberes antigos, que são relembrados a partir das histórias de objetos, apetrechos da memória que fazem emergir relatos que descrevem procedimentos precisos, múltiplos, complexos como: secar, defumar, debulhar, ralar, socar, moer, triturar, esmagar, selecionar, conservar os mantimentos disponíveis para a alimentação.

### **Referências bibliográficas:**

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O afeto da terra*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. 4ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- \_\_\_\_\_. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, pp.659-726.
- ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.